

RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

**OLHANDO PARA O
SÉCULO XXI**

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



OLHANDO PARA O SÉCULO XXI

Ruptura de simetria e expansão de consciência

1. Dimensão energética do novo signo do tempo

O signo do tempo mudou.
Já não vivemos no mesmo mundo.
Movemo-nos em um espaço diferente.

Com a primeira explosão atômica rompeu-se a simetria da matéria. A casa que habitávamos ficou sem sustento. Os valores materiais que, até ontem apenas, sustentavam nossas vidas e davam sentido à história, caducaram.

Um vento de futuro comove os alicerces da civilização contemporânea, uma nova energia/consciência fez irrupção no planeta, mas ainda não conseguimos decifrar a mensagem do novo signo do tempo.

Alvin Toffler, em seu bestseller do ano 70, falou-nos do “Choque do Futuro”¹. E anunciava que, nos 30 anos que então faltavam para o início do século XXI, milhões de seres humanos enfrentariam uma “colisão com o futuro”.

Indubitavelmente, muitos de nós já nos havíamos dado conta de que o signo do tempo havia mudado.

Octavio Paz, em seu belo livro “O Arco e a Lira” - edição de 1956² - ao falar dos “Signos em Rotação”, adverte que o que caracteriza esse novo tempo é a “perda da imagem do mundo”.

Enquanto Alvin Toffler, já desde seus primeiros escritos - mas sobretudo na “Terceira Onda”³ - concede importância à técnica como agente de mudança e força de desenvolvimento, Octavio Paz vê a face oposta desse desenvolvimento: “O

Universo perdeu coesão, diz. Deixou de ter um centro”. E, referindo-se especificamente à técnica, acrescenta:

“Para a técnica, o mundo se apresenta como resistência, não como arquétipo: tem realidade, mas não figura... Um templo maior, uma catedral medieval, um palácio barroco eram algo mais que monumentos: eram pontos sensíveis do espaço e do tempo, observatórios privilegiados, desde os quais o homem podia contemplar o mundo e o que há por trás do mundo como um todo... em troca, as construções da técnica - fábricas, aeroportos, usinas de energia - são absolutamente reais, mas não são presenças, não representam: são signos da ação e não imagens do mundo”.

E, quanto ao impacto deste esvaziamento de sentido na alma do homem contemporâneo, conclui Paz sua reflexão com estas palavras de peregrino do deserto: “Hoje, não é que estejamos sozinhos no mundo. Não existe mundo”⁴.

Talvez, estes dois enfoques da filosofia da história, a leitura de um homem de pensamento, por um lado, e a de um homem de visão, por outro, possam ser tomadas como diferentes aspectos ou fases de um mesmo torvelinho da vida que se desenvolve/sincronicamente em múltiplas dimensões do espaço/tempo/consciência, e cuja potencialidade (numinosa e técnica, ao mesmo tempo) transcende os limites do próprio instrumento humano que temos, para medi-lo.

Porém, voltemos ao ano 45. A liberação do poder atômico por “abertura” do recinto selado da matéria, nos remete a um “acontecimento” mais originário, que se revela na alma do homem como expansão de consciência.

Talvez tenha sido Teilhard de Chardin um dos primeiros em perceber a dupla face, técnica e espiritual, do acontecimento fundante da nova era. Em 1946, Teilhard fazia as seguintes reflexões acerca do impacto espiritual da primeira explosão atômica:

“Pela primeira vez, havia ardido sobre a Terra, durante um segundo, um fogo atômico... Uma vez realizado o gesto, uma vez realizado o sonho da criação de um novo raio, o homem - maravilhado por seu êxito - voltou-se em seguida sobre si mesmo... Seu corpo estava intacto. Mas, e com sua alma, o que havia acontecido?”⁵.

Da aventura prometeica do homem terrestre, nos transferimos, sem dar-nos conta, às primeiras cintilações da consciência cósmica.

A mudança que hoje comove as bases de nossa civilização é tecnológica e espiritual, ao mesmo tempo. A crise do mundo contemporâneo não pode ser explicada somente pela aceleração do tempo, mas pela ruptura de simetria do tempo. Não só pela liberação de energia, mas também pela expansão de consciência. Não só pela conquista do espaço cósmico, mas também pela “abertura” do espaço humano.

O “cânon” antropológico variou. A relação do homem com o cosmos já não é a mesma. O desafio do novo tempo não se realiza somente em nível epistemológico, mas “fisiológico”: nossa própria biologia molecular vibra hoje em um ritmo diferente. O que entrou no jogo da história não é somente uma nova ideia, mas uma nova energia/consciência, uma nova “mensagem”, portadora de um novo “código gen-ético”. Vibramos ao ritmo de uma nova “lei”.

2. Germes de Futuro no Homem

Em 1966 saiu à luz meu primeiro livro “Germes de Futuro no Homem”⁶. Naquele momento, eu intuía que, para além das revoluções sócio/políticas do século XVIII e XIX, e para além da científico/técnica do século XX, anunciavam-se de repente no horizonte, os primeiros sinais de uma mudança antropológica que transcorria em forma sincrônica, no espaço da consciência e na matéria da vida.

A esses primeiros “acordes” de um novo sentir, a essas primeiras “configurações” de um novo pensar, a essas primeiras “prefigurações” de uma nova geometria da vida, eu as chamo de “germes de futuro no homem”.

Aos extraordinários descobrimentos que vinham se desenvolvendo vertiginosamente por fora: energia atômica, conquista do espaço, computadores de quinta geração, engenharia genética - eu assistia a um maravilhoso “acontecimento” que trans-corria por dentro: irrupção de uma Presença até então desconhecida e que hoje re-conheço como “expansão de consciência”.

Minha maior dificuldade era, e continua sendo, “traduzir” a experiência **unitiva**, que eu vivia por dentro, ao campo fragmentado do pensamento racional. Análoga dificuldade têm (e tiveram sempre) os poetas, os místicos, os astronautas e os cientistas quando penetram em espaços até então fechados ao pensamento e à sensibilidade comuns.

“Germes de Futuro no Homem” é **antes** um testemunho da alma que uma construção do pensamento. **Antes** uma mística do coração que uma ciência da vida.

“Germes” não é um novo sistema, é uma nova síntese, **síntese** que se dava originariamente em meu próprio ser-e-sentir, antes de de-velar-se nas formas do conhecimento que eu nomeava naquele momento (e continuo nomeando) com a palavra símbolo “egoência do Ser”.

3. Da visão profética à revolução científica

Os profetas se adiantaram aos doutores (a visão einsteiniana da curvatura do espaçotempo se antecipou à comprovação experimental pelos astrônomos ingleses).

A partir do ‘Big Bang’ inicial de expansão de consciência, a onda de “ruptura de simetria” rompe todos os recintos do antigo sistema.

- Julho de 1945, ruptura de simetria da matéria: pela primeira vez se realizou o incêndio de um fogo atômico sobre a Terra.
- Maio de 1968, ruptura de simetria social: pela primeira vez o incêndio da matéria jovem provoca uma reação em cadeia mundial, de um novo sentir.

Ainda não compreendemos o significado da revolta protagonizada pelos estudantes nas ruas de Paris, em maio do 68. Nem medimos o alcance da onda de expansão de consciência que foi iniciada em Berkeley, Nanterre, Paris, Berlim, Buenos Aires, Praga, para culminar na onda de violência da revolução cultural chinesa. Os jovens que irrompiam nos claustros universitários como “invasão de centauros” (Theodore Roszac⁷) não eram todos desajustados sociais, nem todos estavam movidos por ideologias dissolventes ou nihilistas (assim foram classificados). Por trás da fachada política, havia uma rebelião dos jovens contra uma ciência divorciada da consciência.

A revolta estudantil da década de 60 é um fenômeno que ainda escapa à crítica sociológica. Viu-se somente a crista de uma onda de violência, mas não se foi à raiz essencial da enigmática mensagem que flui da vida profunda da juventude. O poder político não soube advertir os signos do novo tempo. Não soubemos canalizar a corrente de energia humana que havia sido subitamente liberada no planeta. Foram apaziguados os claustros, mas a violência explodiu em outro lugar e de outra forma. No que diz respeito à Universidade, fizeram-se algumas mudanças para que tudo continuasse igual: o caminho do conhecimento ficou separado do caminho da vida.

Fracasso dos reacionários? Sim, mas também de muitos revolucionários que não souberam sustentar na prática, a revolução que agitavam na teoria.

De qualquer forma, as cartas estão lançadas. Correu muito sangue e foi acumulada muita decepção. Nossa civilização materialista entrou em crise, e o desafio na nova fronteira da história exige uma resposta diferente⁸.

De onde vem esta resposta?

A resposta hoje não vem das academias, vem do deserto!

Charles Reich, professor de leis da Universidade de Yale (USA) - nascido em 1928 - foi um dos primeiros investigadores da comoção social da década do 60 que se deram conta do esgotamento das revoluções sócio/políticas do passado e da irrupção de uma nova corrente de energia/consciência que antecipava as formas institucionais e sociais da civilização planetária do terceiro milênio. Em seu livro “The Greening of America” (*bestseller* do ano 70 nos EUA), Reich diz o seguinte:

“Há uma revolução que advém. Não será como as revoluções do passado. Originar-se-á no indivíduo e na cultura e mudará a estrutura política como seu ato final. Não necessitará da violência. Esta é a revolução da nova geração”⁹.

Qual é a estrutura desta revolução do novo signo do tempo? A visão profética “se articula” aqui com a experimentação científica. O caminho do conhecimento “se une” ao caminho da vida.

Ao cérebro eletrônico por fora “corresponde” um coração atômico por dentro. De repente, penetramos em um novo espaço, mas ainda não sabemos navegar nele. O homem cósmico já nasceu, mas faz falta uma ciência que o explique.

4. Antropologia de síntese

Como resposta a este desafio, nasceu meu livro “Antropologia de síntese”¹⁰. Levei oito anos para escrevê-lo, e foi publicado em 1980.

Se “Germes de Futuro no Homem” é o reflexo de uma mensagem espiritual na alma, “Antropologia de síntese” é a “*signatura*” dessa mesma mensagem na matéria do corpo. Já não é a ciência explicando o homem, mas o homem explicando-se a si mesmo, com a linguagem da ciência.

A nova antropologia não nasce de uma “ideia” acerca do homem, mas de um “acontecimento” no homem. Não se baseia em construções do pensamento, mas em funções da vida. Não nasce de lembranças do passado, mas de “Germes de futuro”.

No processo de desenvolvimento co-evolutivo da vida humana, nos encontramos atualmente em uma fase de “gestação” de novas funções e novos órgãos: embriogênese prefigurativa. Não há muitos trabalhos (pelo menos que eu conheça) sobre o que poderíamos chamar Antropologia de antecipação. Permito-me citar no entanto uma investigação, realizada pelo catedrático de psiquiatria da Faculdade de Medicina de Valencia e membro da Real Academia de Granada, Espanha, professor Miguel Rojo Sierra, que me fez conhecer seu trabalho quando esteve recentemente na Argentina¹¹. Rojo Sierra - sobre bases experimentais neurofisiológicas e uma aguda intuição para detectar funções incipientes no intramundo humano - descobre, para além das formas lógico-analíticas, afetivas e mágicas da consciência, níveis superiores de desenvolvimento antropológico que caracteriza com os termos de “*homo transformans*”, “*homo cosmicus*” e “*homo numinosus*”.

Em meu livro “Antropologia de síntese” tracei, em grandes linhas, a geometria (prefigurativa) de uma fisiologia humana do futuro, funções incipientes que estão sendo gestadas na vida interior do homem terrestre e que preludiam a existência do homem cósmico. Trata-se de ‘campos vibratórios’ até agora desconhecidos, “funções de ressonância” que transcendem os limites do indivíduo e que se manifestam como sentir unitivo, consciência expansiva, vontade de participação e força de criatividade.

Apenas estes vórtices de consciência/energia comecem a ser reconhecidos como possíveis “portas de saída”, o sentido do esforço tomará uma direção diferente. A saída já não será buscada por fora, e sim por dentro. Mas, a estrela que guia o caminho, hoje já não é o ideal de salvação da alma (ideal escatológico, para além da morte), mas o sentimento expansivo de liberação que vai unido à transmutação dos bens da vida.

A humanidade de nosso tempo - que está se asfixiando na pesada atmosfera física, mental e social de um mundo que se fecha cada vez mais sobre si mesmo - se dará conta de que os caminhos de liberação que tentou até agora ‘curvam’ sua trajetória e chegam a uma fronteira crítica onde o indivíduo se encontra com sua própria sombra. Essa “sombra” já não é somente a projeção de um arquétipo da alma, mas uma determinada configuração da ‘matéria’ da vida.

É esta ‘matéria’ a que deve ser transformada e já não a matéria do mundo que está fora de mim mesmo, é sim a ‘matéria’ que configura meu próprio mundo e projeta minha própria sombra. Para cruzar esta “barreira da sombra” já não é suficiente um novo ideal, e sim uma nova “energia”, energia de liberação que nos escapa constantemente das mãos, ingrediente ‘catalítico’ indispensável para manter “abertos” nossos próprios circuitos “fisiológicos” e evitar que a vida se cristalice em uma forma.

O giro antropológico das ideologias de liberação (políticas, sociais, tecnológicas ou teológicas) para uma “fisiologia de liberação” provoca, hoje em dia, um sério desconcerto nas próprias ciências do homem (psicologia, economia, direito, sociologia) que se mostram impotentes para dar resposta à necessidade, cada vez mais urgente, de desenvolvimento integral das possibilidades humanas. Esta exigência, que procede da dinâmica intrínseca da vida, obriga a uma denúncia de toda epistemologia reducionista - e nos coloca na alternativa de postular toda antropologia que mereça chamar-se de futuro, como Antropologia de síntese.

5. Circuitos integrados de funções humanas. Do princípio de contradição à ressonância por similitude.

A velha antropologia se funda em uma pergunta, já seja uma pergunta metafísica: “O que é o homem?” - uma pergunta que não tem resposta dentro do marco intelectual em que é formulada. Ou então, uma pergunta histórica, biológica

ou cultural: “O que foi do homem?” - pergunta que tampouco tem resposta no marco da filosofia da história, da biologia evolutiva ou da crítica sociológica.

A nova antropologia já não parte de uma pergunta, mas de uma **função**, função primordial de “síntese” que, no processo co-evolutivo da vida humana, emerge como “pulso alternante” entre o pensar reflexivo do entendimento e o sentido unitivo do coração: circuito integrado da nova fisiologia humana.

Da interpretação kantiana do ser, como “ser e pensar”, passamos à função antropológica “ser-e-sentir”, salto qualitativo que descobre uma nova dimensão do ser humano¹².

Esta nova função já não opera como dialética entre os opostos, mas como “ressonância por similitude”. Desde este ponto de vista funcional, talvez possamos falar de uma “Antropologia alternativa”, cujo fundamento epistemológico não deve ser buscado na filosofia da existência ou na história da cultura, mas no “pulso” e no “palpitar” de um circuito fisiológico de ressonância que torna audível o som inaudível do Ser, nota chave que revela a identidade dos homens e mulheres que vêm (egoência do Ser).

Da fisiologia do homem terrestre, passamos à fisioecologia do homem cósmico.

Dos circuitos de ressonância eletrônica (por onde circula informação logotécnica) passamos aos circuitos integrados de ressonância humana (por onde circula a seiva espiritual da vida).

A irrupção deste novo “órgão” de síntese no processo de transformação da fisiologia humana levanta uma barreira vibratória entre os homens de visão e os homens de pensamento. É a mesma barreira que antigamente separou os profetas dos doutores.

Gregory Bateson, destacado epistemólogo de antecipação, em seu livro “Passos em direção a uma ecologia da mente”, relata as dificuldades que se apresentavam frente às perguntas que seus alunos lhe faziam: “Eles - diz Bateson - escutavam de forma diferente, e até com intenso interesse, o que eu estava lhes dizendo, mas a cada ano surgia a pergunta: “Do que trata este curso?”. E ele responde com a seguinte reflexão: “Paulatinamente descobri que o que fazia que fosse difícil explicar aos alunos sobre o que versava o curso era o fato de que minha forma de pensar era diferente da deles”¹³.

O que se faz patente nas palavras de Bateson é que sua “presença” irrompia no campo conceitual de seus alunos, não só como novo paradigma epistemológico, mas como novo “instrumento” antropológico. Ele não utiliza um instrumento separado de seu próprio ser, senão que ele mesmo é o instrumento.

6. Flutuações de “campo/quântico”. Da filosofia dos valores à geometria da vida.

Em poucos anos, passamos do paradigma newtoniano-cartesiano de fragmentação do conhecimento, ao paradigma holístico de integração do conhecimento-e-da vida.

Porém, não se deve confundir o surgimento de um novo paradigma (como modelo intelectual para **interpretar** o mundo) com o “acontecer” de uma nova função (como modo de **viver** no mundo). Não se deve confundir a filosofia dos valores com a geometria da vida. Uma coisa é o método correto na ordem da inteligência prática, outra coisa é “ser correto” na ordem da vida orgânica.

Segundo o método chinês:

Método correto com homem incorreto: resultado incorreto.
Método incorreto com homem correto: resultado correto.

Este paradoxo procedente da sabedoria tradicional pode ser objetada por uma filosofia de eficientismo prático, mas tem plena vigência na ordem de uma “fisiologia ética” (gen-ética).

No marco de uma antropologia alternativa, isto é, no campo de funções de ressonância, não operam as mesmas leis que no mundo de “objetos”, de “coisas” (no mundo do “*homo clausus*”, onde a consciência do observador se encontra separada dos fenômenos que observa). Em um mundo “aberto”, no qual entramos sem dar-nos conta, já não opera uma mente em linha reta, mas uma “ecologia da mente” (como diria Bateson), resultado de circuitos cibernéticos à ‘segunda potência’ que unem os valores da alma à geometria da vida. Neste “campo quântico”, o que “alguém” faz ou deixa de fazer repercute sobre “todos”, à maneira da “causalidade formativa” (R. Sheldrake)) ou da dinâmica dos “campos morfogenéticos” (P. Weiss).

As grandes flutuações do ecossistema que experimentamos hoje em nível planetário, os desequilíbrios sociopolíticos, a crise do sistema econômico/financeiro internacional, o tráfico/consumo de drogas, a delinquência organizada, e ainda as mudanças climáticas e a irrupção ameaçadora da AIDS se inscrevem como “flutuações” de um novo “meio”, que é humano e cósmico ao mesmo tempo, interior e exterior, e onde as mensagens da consciência que viajam no espaço ‘curvo’, a velocidades superiores à da luz (analogia com o teorema de Bell em mecânica quântica), mudam sincronicamente a geometria molecular do próprio mensageiro. O lixo que você joga no lago da mente se volta imediatamente contra você mesmo.

O “karma” se torna instantâneo, sincrônico. Já não é necessário esperar uma nova reencarnação para ver os resultados do bem e do mal. O tempo se acelerou, e a palingenesia evolutiva ou involutiva é vivida hoje como mudança de estado da matéria do corpo, no curso de uma mesma vida.

Esta nova dinâmica de “campo/quântico” libera um novo tipo de energia/consciência que não conseguimos manejar adequadamente: ao desconhecer seus “princípios de incerteza”, os problemas vêm para cima de nós. E quando

tratamos de resolvê-los, tornam-se ainda mais ‘pesados’ (por conversão de energia em matéria). O sociólogo crítico Jean Baudrillard descobre, na sociedade contemporânea, um novo tipo de fenômeno, o qual chama de “implosão de massa”¹⁴.

A relação matéria/consciência mudou, por irrupção de uma variável de “sentido”. E, se bem que o campo social “constitua massa” por perda de consciência, também começamos a descobrir uma nova função individual, que é a expansão de consciência por perda de massa e liberação de energia: energia humana de liberação dos novos construtores da Terra.

O ritmo alternante entre os altos cumes do espírito e os mais profundos abismos da matéria está se tornando cada dia mais visível na tela da consciência humana. E esse ritmo intrínseco da vida cósmica gera no homem uma nova ética. Da ética formal, passamos a uma ética fisiológica, onde os valores da alma se unem à química da vida.

A mudança no fluxo unidirecional do tempo nos obriga a assentar novas bases metodológicas na prática das ciências humanas e sociais, incluindo o vetor de consciência/responsabilidade no cálculo das variáveis econômicas, tecnológicas e de organização.

Não é estranho o fracasso dos condutores, quando persistem em aplicar fórmulas de uma física galileu/newtoniana, a uma humanidade que já cruzou a barreira cósmica e viaja a velocidades superiores à da luz.

7. Da organização social ao organismo planetário. Holograma humano.

Henry Lefèbvre, filósofo crítico francês, diz que a cultura atual se encontra frente a uma “muralha difícil de cruzar”¹⁵.

Por minha vez, costumo repetir que: “Para uma ciência do homem, o computador não basta”¹⁶.

Movemo-nos na fronteira entre dois mundos: entre a implosão de massa e a expansão de consciência; entre o ingresso da luz e o poder da sombra.

O desafio para os séculos que vêm é assentar as bases para uma “pedagogia do organismo”: aprender a unir por dentro, “organicamente” os valores individuais com a prática social. E ensinar a estender a ponte entre o conhecimento intuitivo/racional do cérebro e a mística do coração.

Na alvorada da nova era, este “Caminho de União” se revela **antes** por via testemunhal que por via de comprovação experimental. Os peregrinos da aurora se adiantam aos cientistas de laboratório.

Porém, se auscultarmos as correntes sutis do organismo planetário, veremos que nos altos cumes da inteligência, da poesia e do amor está se produzindo uma “convergência” entre sabedoria e santidade. Não nos é estranho que um físico/místico como Einstein dialogue com um poeta como Rabindranath Tagore, e que David Bohm, investigador em física quântica, dialogue com Krishnamurti¹⁷.

Fritjof Capra, outro destacado investigador em física quântica, para referir-se a este movimento de convergencia, fala de “ponto de mutação”¹⁸.

Curvatura do espaço/tempo? Algo mais. Podemos dizer que, de alguma forma, a revolução científica e a revolução espiritual con-figuram hoje um tecido orgânico, cuja rede de relações invisíveis opera como matriz de desenvolvimento da consciência humana, em escala planetária: holograma humano.

Entre tanto desencontro no mundo de nosso tempo, o “Colóquio de Veneza”, auspiciado pela UNESCO, marca um encontro significativo da era cultural que se inicia.

No dia 3 de março de 1986, por iniciativa da UNESCO, reuniram-se em Veneza 17 personalidades, entre elas, dois Prêmios Nobel, de 15 países, representantes de diferentes regiões geoculturais do planeta, os quais emitiram um

documento que pode ser considerado pioneiro na estruturação dos valores de síntese que preanunciam a civilização planetária do terceiro milênio. Refiro-me à chamada “Declaração de Veneza”.

“Os participantes no “Colóquio” apontam a brecha que se abriu entre a visão do mundo que procede da ciência de vanguarda (sobretudo a física e a biologia) e os valores que ainda predominam em filosofia, nas ciências do homem e na vida da sociedade moderna. Valores que estão fundados, em grande medida, sobre o determinismo mecanicista, o positivismo ou o nihilismo. Os que assinaram sentem que esta brecha é altamente perigosa e portadora de fortes ameaças de destruição de nossa espécie. Concluem estas reflexões, reconhecendo a urgência de um intercâmbio dinâmico entre as ciências exatas, as ciências humanas, a arte e a tradição. O estudo conjunto da natureza e do imaginário, do universo e do homem, nos permitiria uma maior aproximação do real e poderíamos responder melhor aos diferentes desafios de nossa época”¹⁹.

Remontando a corrente do sentir da “Declaração de Veneza”, fazem-se mais visíveis os diferentes movimentos humanos que em diferentes partes do mundo trabalham, hoje em dia, na delicada arte de integração de ciência e mística, razão e intuição, teoria e vida.

Recordemos a “Comunidade de Findhorn”, no norte de Escócia; o “Instituto Elmwood” dirigido por Fritjof Capra em Berkely, California, USA; o movimento “Holos Brasil”, com sede central em Brasília; o “Instituto de Estudos Integrativos” (New York), cuja revista “FORUM for correspondence and contact” é um canal aberto de comunicação entre investigadores de diferentes partes do mundo (editor: Prof. Janis Roze). Na França, a “Universidade Holística Internacional”, com sede em Paris e um ramo em Genebra. E, na Argentina, nossa “Oficina de Síntese”, com seu programa de Cursos e Seminários na “Sociedade Científica Argentina”.

A unidade de “inspiração” de todos estes movimentos, e a diversidade de “instrumentação” de seus programas, propõe um desafio, teórico e prático ao mesmo tempo, a todos aqueles que, de uma ou de outra maneira, se sentem chamados a participar da corrente renovadora da mensagem do novo signo do tempo.

Por mais de dois mil anos, fomos educados sob as premissas de um paradigma de fragmentação: ruptura da unidade do conhecimento, divisão do trabalho, divisão de nações, divisão de classes, divisão de raças. A filosofia do desenvolvimento humano se baseou no individualismo ou no colectivismo. Mas, todos estes esquemas reducionistas (individualistas ou socialistas) entraram em crise.

De repente, temos que aprender agora uma nova linguagem, a da relação complementar ‘partícula/onda’, que vimos funcionar no mundo da física quântica e a linguagem holística por “padrões de interação” que se revela na imagem holográfica. A técnica se adiantou a nós. Agora temos que aprender a dançar em outro ritmo. Da ressonância entre partículas e da interação de ondas (holograma técnico) temos que passar ao campo da “interação humana por ressonância de similitude (holograma humano)”. Das “organizações” sociais, políticas e religiosas passamos ao “organismo” planetário, a seus centros de força, a seus órgãos e funções. Trata-se de uma mudança de corpo. Salto a outra dimensão da existência humana.

Não é fácil “trabalhar juntos” nesse novo corpo. Corpo de geometria reversível, cujo ritmo alternante se sustenta por um metabolismo de espírito/matéria: reversibilidade de valores entre a vontade individual e a comunidade sócio/espiritual.

Não é fácil “viver juntos” na rede invisível da comunidade planetária, onde a ação ou omissão de “um” repercute de imediato sobre “todos”. Ainda carregamos a marca de séculos de credo de posse, de egoísmo autosuficiente, de voracidade de consumo, de vontade de poder.

Não é fácil “criar juntos” no novo espaço do amor e do ser.

Não é fácil re-conhecer-se, espelhar-se de alma para alma, sonhar o mesmo sonho, depois de séculos em que nos tornamos estranhos uns para os outros!

8. O sentido da Obra. Esboço das novas instituições humanas. Em direção à Universidade de Síntese

Como cruzar a barreira da sombra? Como restabelecer o sentido do humano? Como fazer para que a vida volte a circular?

O interrogante já não é filosófico, mas iniciático. É a pergunta da esfinge moderna; é o desafio radical a uma humanidade que chegou ao “fim da história”.

Antes de qualquer resposta, surge uma intuição primordial: trata-se de substituir o sistema pela “obra”.

É lamentável que os sindicatos, hoje em dia, lutem só pelo salário e não pela obra.

Nas sociedades tradicionais, a ideia de obra vai unida ao projeto das instituições e ao sentido da vida humana. Na sociedade moderna, muitas instituições humanas ficaram desconectadas do modelo arquetípico que lhes deu vida, e permanecem como templos vazios que já não são morada para o homem.

Porém, para ingressar no futuro, a crítica das instituições não basta, faz falta redescobrir em si mesmo o sentido da obra. E isto não é fácil, devido em parte ao poder de “ocultamento do ser” das ideologias dominantes (incluindo a sociologia e as demais ciências do homem) e, em grande medida à “irreversibilidade da forma” das próprias instituições. Como diz muito bem Henri Lefèbvre em sua “crítica da tecnocracia”: “contaminada, por um lado, pelo produto e a mercadoria; por outro, pela imagem filosófico-metafísica da criação, a obra perdeu seu sentido”²⁰. Marx, começa referindo-se à “obra” e termina no conceito de “produto”. Para Hegel, o protótipo da obra é a cidade grega. E Heidegger leva até a oposição, obra e produto²¹.

Porém, o Gênese nos fala da “Obra da Criação”, e os alquimistas se adentram no mistério da “Grande Obra”.

Hoje em dia, no marco de uma Antropologia de Síntese, a obra humana se revela por participação individual à grande corrente renovadora da vida. Um novo sentido do trabalho: trabalhar na obra de todos, sem deixar de ser. Uma nova obra de arte, que se realiza antes por dentro que por fora.

Hoje, como ontem, os arquitetos de vanguarda começam a descobrir os novos espaços para o homem, ou melhor, a especialidade das instituições humanas, o ‘meio’ (entre o céu e a terra) onde a luz da inspiração e as forças da vida podem traduzir-se em obra especificamente humana. E digo “especificamente”, porque muitas obras já deixaram de ser humanas.

O arquiteto Louis Kahn, em sua obra “Ideia e Imagem”, referindo-se ao projeto arquitetônico, diz o seguinte: “As instituições se tornam as moradas das inspirações. A arquitetura dá corpo à inspiração”. E acrescenta: “Estou buscando expressões novas para instituições antigas”²².

Segundo Kahn, as novas instituições humanas devem poder “devolver ao ser humano uma renovada vontade de viver”.

Existem tais instituições? Se não existirem, temos que criá-las. Universidade de Síntese é uma delas, modelo educativo para o ano 2000, cujas grandes linhas esbocei em meu livro com o mesmo título²³.

9. Universidade de Síntese

Alguns qualificaram esta obra como modelo utópico. Certamente o é. Voltando a Henri Lefêbvre e a sua aguda crítica sociológica, resgato alguns conceitos acerca da função ‘catalítica’ da utopia, nos momentos de ruptura de simetria do sistema. Diz Lefêbvre: “Atualmente reina a utopia. É o impossível. Para conceber o real e o possível é preciso passar pelo utópico e pelo impossível. O impossível de hoje é o

possível de amanhã. E nós propomos de novo esta máxima: “Pede o impossível para obter todo o possível”²⁴.

Se olharmos para o século XXI e nos sentirmos comprometidos com a educação das novas gerações, teremos que admitir que, mais cedo ou mais tarde, em algum lugar do planeta, teremos que começar tudo de novo.

Da Universidade profissionalista passamos à Universidade do Homem.

Em tempos de crise, como o nosso, entre o ocaso dos antigos deuses e o nascimento de um novo sol, o saber se refugia em cápsulas de interioridade. No passado medieval, estas “arcas de sobrevivência” (Toynbee) foram os mosteiros, hoje podem ser as universidades.

Universidade de Síntese é um “novo espaço de encontro humano” para ensinar e aprender. É uma convocatória aos professores desconhecidos e um desafio aos jovens do mundo.

Já não podemos seguir em linha reta. Não podemos seguir debatendo na Universidade problemas que não têm solução. Muitos dos chamados problemas universitários são “falsos problemas” porque são propostos no contexto de um sistema de valores que entrou em crise. A universidade que conhecemos entrou em conflito consigo mesma, ao chegar ao limite da fragmentação do conhecimento, fronteira perigosa onde o caminho da ciência se afasta do caminho da vida. Foi perdido o **vínculo** das partes com o todo. Hoje, temos mais informação, mas menos visão. Temos mais técnicos e profissionais, mas menos professores. Voltar a viver a vida universitária, disso se trata!

Encontramo-nos ante uma barreira difícil de cruzar. Como voltar à fonte do ser e da vida? Leopoldo Marechal nos fala de remontar a corrente da água. É possível?

O sistema educativo atual não oferece nenhuma ajuda eficaz para cruzar a barreira de potencial energético gerado pelo próprio processo de desenvolvimento da

consciência humana. As forças renovadoras da vida que irrompem impetuosamente na juventude, ao não encontrarem saída para “cima” refluem perigosamente para “baixo”, ativando os poderes ocultos do mundo subterrâneo (doenças sociais de nosso tempo, por vazio existencial e perda de sentido).

Neste umbral crítico entre dois mundos, neste “ponto de bifurcação” entre a expansão de consciência e o poder da sombra, emerge o protomodelo de Universidade de Síntese, não só como espaço para conhecer, mas como “meio humano” para viver, para crescer, para ser.

Quais são as premissas para uma pedagogia de síntese?

Trata-se de uma pedagogia do “antes”.

De uma “presença catalítica do educador”, que irrompe em um momento privilegiado do tempo intrínseco da vida humana:

Antes que se produza a “queda” na fragmentação do conhecimento.

Antes da deformação profissionalista por especialização de funções.

Antes de que a vida se cristalice em uma forma.

Nada podemos fazer, uma vez que se produziu a fragmentação do conhecimento e a divisão da vida. “Nem os cavalos do rei nem os homens do rei” puderam armar o Humty Dumph fraturado, da antiga canção infantil.

Para compreender a dinâmica reversível da Universidade de Síntese, seu ritmo alternante entre o conhecimento objetivo e a consciência de ser, temos que entrar em ressonância com sua própria linguagem *arki-tectônica*. A residência universitária, as oficinas de criatividade, os laboratórios de investigação, os circuitos logotécnicos de ensino/aprendizagem, os lugares de re-criação e entretenimento, a configuração destes espaços não só responde à necessidade funcional de conhecer, mas à vontade vocacional de viver de um determinado modo. Aqui, a arquitetura “dá corpo ao

incomensurável”, como diria Louis Kahn em sua obra já citada “Ideia e Imagem”, senão que a **presença humana** ‘curva’ a geometria do espaço e faz possível que a informação que flui pela árvore do conhecimento se una à seiva que circula pela árvore da vida.

Da organização acadêmica e administrativa da Universidade, passamos ao “organismo universitário”.

Do movimento unidirecional das carreiras universitárias, passamos aos circuitos logotécnicos da vida universitária.

O primeiro circuito, o mais interior, é a “residência universitária”, o “espaço do encontro humano”²⁵. A lei primeira: aprender a con-viver (parte-se da necessidade de união).

Se vislumbrarmos a Universidade de Síntese como modelo educativo em nível planetário, compreenderemos facilmente que dois anos de residência universitária con-figuram o meio mais idôneo para despertar sentimentos de com-preensão, amizade e solidariedade entre os jovens do mundo. Sentido de pertinência na comunidade humana - muito mais poderoso que o enlace que hoje é tentado entre os diferentes povos da Terra, por via diplomática, cultural, esportiva ou tecnológica.

Dois anos de residência substituem com vantagem os exames e cursos de ingresso. A “seleção” se realiza aqui por “capacitação humana” para a convivência, solidariedade e trabalho comum, e não por *curriculum* acadêmico, nível econômico ou posição social.

Aqui não há divisão entre docentes e não docentes, entre trabalho manual e trabalho intelectual. É vida no lar, todos se ocupam de tudo.

O segundo circuito é de “ressonância logoenergética”. Redescobrir o ritmo entre a fisiologia humana e a energia cósmica (uma função perdida). Aqui, uma vez mais, o projeto arquitetônico e a genial intuição de Louis Kahn dos “umbrais de

encontro do silêncio e da luz” se constituem em referentes analógicos para penetrar na dimensão energética do espaço humano. A prática ecológica ampliará estes primeiros sinais de ressonância logoenergética.

Se o primeiro circuito desperta o sentimento de pertinência humana, o segundo circuito ativa o sentido de pertinência cósmica.

O terceiro circuito é de “ressonância espiritual”, de transcendência mística (outra função perdida). Trata-se de recuperar a mística como função do ser humano, para além das ideologias políticas ou das doutrinas religiosas. A atividade desta função se revela por um duplo movimento, pulsar ou palpitar. De expansão em direção ao trabalho social por fora, e de **in**-expressão por dentro, em direção à consciência de si.

Estes três circuitos, de compreensão humana, ressonância energética e ressonância espiritual pertencem à ordem da interioridade (ao recinto interior do templo, se pudéssemos dizer assim, ou ao ‘círculo hermético’). E, desde o ponto de vista da integração do conhecimento e da vida, correspondem às fases de energia potencial, dimensões do desenvolvimento humano que ficaram esquecidas, devido aos resultados objetivos e de valor prático da ciência e da técnica.

Os três circuitos que configuram o recinto externo são:

Trabalho social

Oficinas de criatividade

Orientação vocacional

10. Trabalho social

Rompe o isolamento academicista da Universidade e oferece ao futuro universitário as condições para o desenvolvimento da ciência social.

O trabalho como dever social rompe, em alguma medida, o sentido de apropriação individualista dos bens da vida e é o fundamento de uma economia

humana de liberação. O jovem aprende a participar com sua própria vida na vida de todos, toma em suas mãos a ‘matéria social’ e aprende a transformá-la dentro de si mesmo, em energia humana de liberação: giro na direção do esforço.

Este realizar por dentro o que se quer fazer por fora deve ser prévio ao estudo da sociologia, da psicologia, da política, da filosofia da história. Os futuros professores, legisladores, governantes, já não serão teóricos da sociedade, mas condutores. Poderão guiar as correntes da vida social porque terão aprendido a compreender por participação, não por informação.

11. Oficinas de criatividade

É a aprendizagem das linguagens do homem, **antes** da especialização profissionalista:

Antes de conhecer as ciências particulares, conhecer a linguagem da ciência.

Antes de ser técnico, conhecer a linguagem da técnica.

Antes do profissionalismo na arte, conhecer a linguagem da criatividade.

Antes do discurso filosófico, da crítica literária, conhecer a linguagem da alma.

A in-corporação das linguagens fundamentais libera um tremendo caudal de energia, com expansão de consciência.

Trata-se de adquirir uma nova “fisiologia” de circuitos integrados, que ao acoplar-se com a rede eletrônica dos circuitos computarizados (aliança tecnofisiológica) faz possível manejar a massa de informação já adquirida pela humanidade no transcurso dos séculos, com um mínimo de energia (princípio de mínima ação, na ordem humana). Novo tecido orgânico entre o que se realiza por fora e o que se vive por dentro, ponte logotécnica entre a linguagem da ciência e a linguagem do corpo.

A consciência humana, livre da pesada maquinaria da mente racional, está agora em condições de iniciar a nova etapa de desenvolvimento da mente intuitiva e expansão da consciência cósmica.

12. Orientação vocacional

Depois de dois anos de convivência, participação e expansão, e **antes** da escolha profissional que lhe abrirá os caminhos da “obra” na complexa rede de relações humanas, impõe-se uma nova pausa de interioridade, de consciência de si, de descobrimento vocacional, de compromisso com a missão de **ser** universitário.

O que é ser universitário? Uma nova relação entre o individual e o universal (uni-versitário).

Está surgindo um novo sentido do universal, não um universalismo simplesmente, mas o descobrimento da relação invisível (arquetípica) entre a consciência do indivíduo (consciência de si) e a trama orgânica do universo. Esta ideia/sentimento - que flui hoje por múltiplos canais de inspiração - reclama um novo instrumento de formação uni-versitária. O velho universalismo representava uma cultura de valores universais abstratos, teoricamente comuns a todos os seres humanos, porém, na prática, negadores do homem concreto, de seus valores históricos e folclóricos, de suas necessidades sociais e de suas aspirações espirituais²⁶.

A Universidade de Síntese dever ser, antes de mais nada, a Universidade do Homem. Sua função primordial é conduzir o processo educativo que aponta para a civilização do terceiro milênio (“magistério universitário do futuro”).

A Universidade clássica formava para a cultura.

A Universidade moderna, para a ciência e a técnica.

A Universidade de Síntese terá que formar o homem. Dali sairão os professores que guiarão as novas gerações.

Como pôr em movimento este processo educativo centrado no desenvolvimento integral das possibilidades humanas?

É necessária uma nova **fundação**.

Criar um polo planetário de in-plosão de conhecimento, radiação de energia e expansão de consciência.

Convocar os professores que já existem no mundo (os formados nas universidades e os que estão fora das universidades).

E convocar os jovens do mundo com vocação de ser e de servir (que também existem).

Onde fundar a Universidade do Homem?

Qual é o ponto planetário onde podem convergir as forças humanas, telúricas e cósmicas necessárias para dar vida a uma nova corrente de planetização?

Se em escala planetária podemos localizar, hoje em dia, o polo expansivo do conhecimento científico/técnico na Universidade das Nações Unidas em Tóquio, Japão, o polo de ‘in-plosão humana’ tem que estar na América, na Universidade do Homem. Se a primeira convoca os experts e os técnicos, a segunda deve convocar os estudantes.

O desenvolvimento acelerado da sociedade tecnocrônica está reclamando um movimento igual e contrário de implosão do conhecimento e expansão de consciência.

Por que América?

Porque a América, a “América profunda” (em termos de Rodolfo Kusch)²⁷ alcançou suficiente nível de interioridade na alma de seus povos e adequada síntese de valores materiais e espirituais, de forma a oferecer à planetização nascente um

‘sangue humano transmutado’ que sirva de ponte entre os arquétipos celestes e a sabedoria da Terra²⁸.

Sem este polo de interioridade humana que ‘dissolve’ os compostos de desumanização gerados pela civilização técnica, isto é sem este polo de “consciência de si”, as “tecnologias transcendentais” (como chama Thomas Berry) que hoje dominam o mundo moderno podem conduzir-nos ao afundamento da Atlântida pós-moderna²⁹.

Rodolfo Kusch, em sua “América Profunda”, se deu conta da importância deste ‘dissolvente’ universal na gênese do novo. Em uma análise comparativa entre a filosofia do europeu culturalizado intelectualmente (centrado no “ser alguém”) e o mero “estar” do índio americano “arraigado à terra e ante a ira de Deus”, conclui sua reflexão com estas palavras: “É que Ocidente não tem um mero “estar” onde dissolver sua tensão. Faltam formas sociais e políticas que permitam essa dissolução e a reabsorvam, transformando-a novamente em vida”³⁰.

Sem esta “mística” de ‘dissolução’ dos compostos da vida, a paz se torna ilusória porque os ‘produtos’ da própria vida terminam por tamponar a fonte da energia criadora (aumento de entropia e paralisia da evolução). Cedo, a violência, em alguma de suas múltiplas formas, terá que “abrir” novamente o sistema para assegurar o fluxo sempre renovado da vida.

Atualmente, no umbral da nova era, e ante uma muralha difícil de cruzar, a violência se apresenta em uma nova forma: “o sacrifício cotidiano dos inocentes”.

É hora de uma resposta diferente.

Referências Bibliográficas

- Toffler, Alvin, **“Future chock”**, Random House, New York, 1970
- Paz, Octavio, **“El Arco e la Lira”**, Fondo de Cultura Económica, México, 1956
- Toffler, Alvin, **“La tercera ola”**, Plaza & Janés, Barcelona, 1980
- Paz, Octavio, op.cit. 2, Pág. 261
- Chardin, Teilhard, **“El Porvir del Hombre”**, Taurus, Madrid, 1965, Pág. 171
- Muñoz Soler, Ramón P., **“Gérmenes de Futuro en el Hombre”**, Arayú, Bs. As., 1º edição 1966 (3º edição Depalma, Bs. As., 1988)
- Roszac, Theodore, **“The making of a counter culture”**, Garden City, Doubleday & Co. Inc, New York, 1969
- Muñoz Soler, Ramón P., **“Universidad de síntesis”**, Depalma, Bs As., 1984, Pág.6
- Reich, Charles, **“The Greening of America”**, Random House, New York, 1970, Pág. 4
- Muñoz Soler, Ramón P., **“Antropología de síntesis”**, Depalma, Bs .As., 1980
- Rojo Sierra, Miguel, **“Investigaciones y Especulaciones acerca de una conciência evolutiva”**, Inédito, Valencia, España
- Lazarte, Omar, **“Una nueva Dimensión de Vida”**, 2ª Ed., Mendoza, Argentina, 1988
- Bateson, Gregory, **“Pasos hacia una Ecologia de la Mente”**, Lohlé, Buenos Aires, 1976, Pág. 17
- Baudrillard, Jean, **“Cultura y Simulacro”**, Kairós, Barcelona, 1984
- Lefèbvre, Henri, **“A porte de l’ avenir”**, Planète, 1972, N°3
- Muñoz Soler, Ramón P., **“Magisterio Universitario y Pedagogía de síntesis”**, Depalma, Buenos Aires, 1985
- Prigogine, Ilya, **“Tan solo una Ilusión”**, Tousquets, Barcelona, 1984
- Capra, Fritjof, **“The Tao of Physics”**, Shanbhala, Pub. Inc., Colorado, USA, 1975
- UNESCO, **“Coloque de Venice”, la science face aux confins da connaissance: le prologue de nôtre passé culturel. Rapport final**, Paris, France, 1986
- Lefèbvre, Henri, op.cit. 15, Pág 42

- Lefèbvre, Henri, **“Hacia el cibernántropo (una crítica de la tecnocracia)”**, Gedisa, Barcelona, 1980, Pág. 126
- Kahn, Lous I., **“Idea e Imagen”**, Xarait, Madrid, 1981
- Muñoz Soler, Ramón P., op. Cit. 8
- Lefèbvre, Herni, Op. Cit. 21, Pág. 155
- Barbuy, Santiago René, **“El Espacio del Encuentro Humano”**, ADCEA, Bs. As., 1976
- Muñoz Soler, Ramón P., **“Universidad de síntesis”**, Pág. 34
- Kusch, Rodolfo, **“América Profunda”**, Ed. Bonum, Buenos Aires, 1986
- Muñoz Soler, Ramón P., op. cit. 8, Pág. 85
- Berry Thomas, **“The Spontaneities of Nature: Our hope for the future”**, FORUM for Correspondence and Contact, Vol. 17, N° 2, 1987
- Kusch Rodolfo, op. cit. 27, Pág. 179